

Antídoto ao tédio

Guto Lacaz reafirma em duas exposições a originalidade e o humor de suas obras conceituais

Nos últimos tempos, certas palavras que freqüentam os anúncios de exposições de arte fazem com que grande parte do público fuja delas como o diabo da cruz — e com razão. Performance, arte conceitual, artista multimídia e outras expressões afins costumam batizar mostras em que, com raras exceções que confirmam a regra, se tentam vender como arte sortidas tolices e vanguardices. Carlos Augusto Martins Lacaz, mais conhecido como Guto Lacaz, um paulistano de 43 anos, tem sido na arte brasileira uma das mais brilhantes dessas exceções. Desde que, em 1978, amarrou uma garrafa de refrigerante Crush a um pedaço de gesso, batizou a peça de *Crushfixo* e faturou um prêmio numa mostra coletiva, ele vem se firmando como um dos artistas mais originais de sua geração. Guto é multimídia, faz

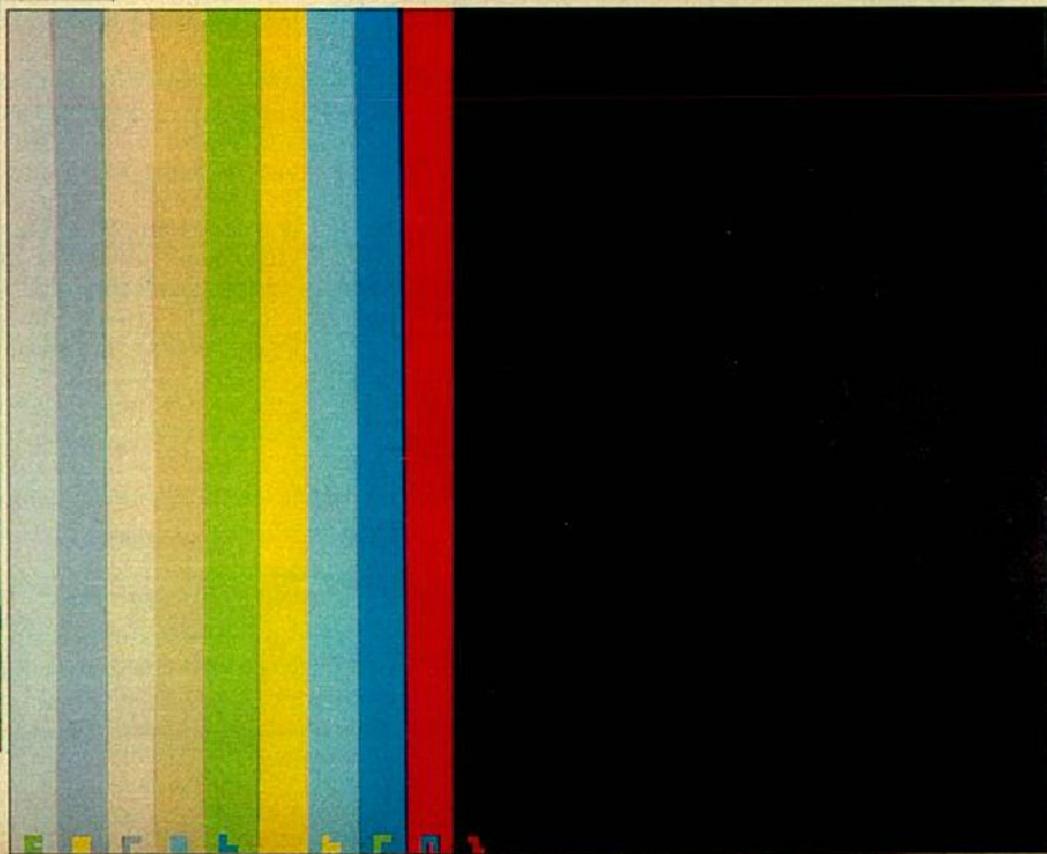
performances e sua arte é conceitual, mas desafia os espectadores de suas exposições a viver um só momento de tédio diante delas. Pode-se até argumentar que parte de seu trabalho é composto não de obras de arte, mas de idéias curiosas e originais. Ele pode até concordar com isso. Na bolsa da criatividade do que se tem visto nas galerias, no entanto, Guto ocupa um posto privilegiado.

A proposta de Guto Lacaz é fazer arte brincando com o espectador e envolvê-lo o mais possível na brincadeira. Para isso, vale, por exemplo, equipar uma lata de óleo com rodinhas e um motor, fazê-la girar em torno de uma bandeja e batizar a geringonça de *Óleo Maria à Procura da Salada*. Ou enfileirar 26 aspiradores de pó numa sala, todos equipados com uma bolinha de isopor que se equilibra sobre o jato de sucção invertido, e chamar a instalação — exibida em 1987 no Museu de Arte Moderna de Paris — de *Eletro-esfero-espaço*. Ou ainda juntar numa me-



GLADSTONE CAMPOS

Guto e a colagem *Color Plus*: "Não sou um Professor Pardal"



FOTOS: KEV-JU KOBAYASHI



CARMEM

Carmem: caligrafia inspirada pelo tipo de papel

sa uma dezena de aparelhos de rádios, pendurar pedaços de linha em suas antenas e chamar o conjunto de *Rádios Pescando*. Engenhocas como essas valeram a Guto, ao longo dos anos 80, o apelido de Professor Pardal das artes do país, numa referência ao inventor aloprado das histórias em quadrinhos. “A analogia é ruim porque as invenções do Pardal são de araque; me identifico mais com o Boli-nha, que é um articulador de tramas”, brinca o artista. “O bom humor de Guto é uma arma contra esse período pseudo-intelectualizado da arte de hoje”, avalia Antonio Henrique Amaral, um dos melhores pintores brasileiros da geração anterior à de Guto.

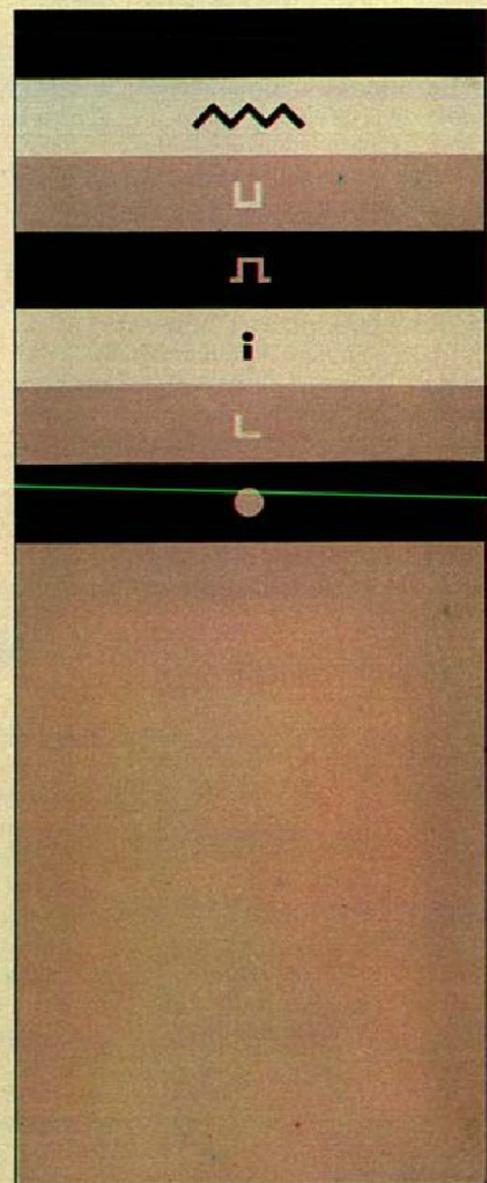
Desde a semana passada, duas exposições simultâneas em São Paulo mostram as novas peripécias de Guto Lacaz e sua oficina de surpresas. Na Galeria Documenta, ele mostra *Papéis e Seus Nomes*. São treze colagens, realizadas com tipos de papel usados normalmente por artistas, e têm nomes curiosos como *Duplex*, *Carmem*, *Color Plus* e *Murilo*. Cada uma das colagens leva o nome do papel corres-

pondente, escrito por Guto num tipo de caligrafia que, segundo ele, está relacionado com a textura do material. Cada uma das colagens, cujo resultado se assemelha a serigrafias, é vendida por 500 dólares. No Instituto Cultural Itaú, Guto apresenta a instalação *Videoselos*. Trata-se de um circuito interno de TV com uma câmara montada na ponta de um braço móvel. Quando o braço é acionado pelo público, ele focaliza um longo suporte semicircular onde estão fixados 160 selos brasileiros de diferentes épocas. O espectador escolhe o selo que deseja ver através de um visor eletrônico, cuja imagem é captada pela câmara, aumentada 100 vezes e projetada num telão. “Apesar de o sistema ser aparentemente complicado, tudo o que fiz foi construir uma grande lupa, com a qual se pode apreciar a riqueza gráfica dos selos”, pondera o artista.

“CONTRABANDO CHINÊS” — As duas exposições de Guto mostram o melhor lado de sua criação, o das peças que provocam no espectador uma reação em cadeia: primeiro o estranhamento, depois o espanto e, finalmente, um sorriso. O outro lado da obra de Guto é dos objetos francamente hilariantes, como o ferro de passar com um ovo estalado em cima ou o abajur construído com um rolo de papel higiênico e um filtro de papel para café (veja quadro à página 80). Guto é melhor, porém, quando seu humor é sutil, feito de máquinas que intrigam o espectador porque são bonitas e não servem para nada ou de quadros com elementos que aparentemente ninguém pensaria em combinar. Como a tela *Muamba*, de 1987, na qual imagina “uma cena de contrabando em que uma metralhadora é transportada dentro de um vaso chinês”. É justamente com essas obras que ele causa e faz de seu trabalho bem mais que uma brincadeira irreverente. Embora carregue no humor, Guto não faz piadas: faz

obras de arte, planejadas e refletidas para alcançar determinado resultado. Mas, ao contrário de muitos pretendentes a artista, que ao discorrer sobre a própria obra a estufam de teorias com a profundidade de um pires, Guto, quando perguntado sobre o que significa um ovo estalado sobre um ferro, responde invariavelmente: “Significa um ovo estalado sobre um ferro”.

“Minha maior fonte de inspiração é a revista *Mecânica Popular* e minha cultura é de almanaque”, diz Guto, que é arquiteto formado, mas até hoje só utilizou o compasso e a régua T para projetar suas instalações e objetos. “Não há nada que me interesse mais do que, por exemplo, saber quem fez a maior e a menor bicicleta do mundo.” Pela falta de cerimônia com que eleva objetos do cotidiano à condição de obras de arte, Guto é freqüentemente classificado como discípulo de Marcel Duchamp, o francês que pintou bigodes na *Mona Lisa* e assinou embaixo. Guto rejeita



Murilo: efeito de serigrafia

a comparação. "Seria o mesmo que dizer que a obra de Picasso é primitiva só porque ele se inspirou na arte africana para inventar o movimento cubista", avalia. Na verdade, Duchamp transformava o cotidiano em arte como uma forma de brincar sua espada dadaísta, para chocar a platéia. Não é o que Guto pretende. Há em suas instalações e objetos uma evidente despreensão, uma atitude relaxada com o fato de fazer arte, em contraste com o rigor do acabamento que dá às peças e à própria tecnologia que usa em algumas delas, como na instalação *Videoselo*. O que pode haver em comum entre ele e os discípulos de Duchamp é a dificuldade de comercializar obras que as pessoas pensam duas vezes antes de levar para casa.

RATOEIRAS — "Em catorze anos de atividade, consegui vender até hoje umas cinqüenta peças", contabiliza Guto. "As vernissages são das mais concorridas do mercado, mas no fim não vendo quase nada." Para a galerista Luisa Strina, a explicação para isso é simples: "As pessoas têm medo de colocar obras irreverentes em casa — na hora de comprar, preferem aquelas ditas 'sérias' ". Apesar disso, Guto conta com admiradores entre os maiores colecionadores do país. "A falta de uma obra de Guto na minha coleção é uma lacuna, uma falha mesmo, que pretendo corrigir em breve", anuncia Gilberto Chateau-



Eletro-esfero-espaco: aspiradores de pó e bolinhas de isopor expostos em Paris

briand, dono de um dos maiores acervos particulares do país. Para compensar a falta de liquidez de sua obra, Guto ataca em outras frentes além das galerias e museus. Algumas das mais divertidas capas de discos lançadas nos últimos anos, como a do grupo Luni, levam sua assinatura. De sua prancheta saem também pôsteres promocionais, e até nos eventos em que acaba recrutado para desenhá-los Guto é um excêntrico: há três anos, por exemplo, criou o cartaz para uma corrida de garçons que se realiza

anualmente em São Paulo. Já às terças-feiras, às 7h30 da noite, Guto pode ser visto na televisão em *Matéria Prima*, um programa da rede de TVs educativas dirigido ao público adolescente. Lá ele comanda durante dez minutos o quadro Encontro com a Arte e a Ciência, no qual ensina os telespectadores, por exemplo, a construir uma réplica de sua *Luva para Desarmar Ratoeiras*, feita em papel e fita crepe. Com ela, ensina, pode se desativar três ratoeiras ao mesmo tempo sem ferir os dedos.

Nos objetos, o mundo de ponta-cabeça

Para Guto Lacaz, um utensílio doméstico, por mais prosaico que seja, nunca serve apenas para aquela função que o consagrou. Nos objetos que cria, e que formam um caso à parte em sua obra, ele costuma juntar dois ou mais desses utensílios e... presto! O mundo ganha uma inovação tecnológica. Foi assim, por exemplo, com *High Tegg* (um

trocadilho entre as palavras equivalentes em inglês para "alta tecnologia" e "ovo"), concebido em 1987, que sugere às donas de casa que um ferro de passar pode funcionar como uma eficiente frigideira para fazer ovos estrelados. A combinação de imagens é absolutamente inesperada, e daí o impacto da obra. O mesmo pode se dizer de *Abajur Branco*, concebido no ano passado. Em decoração é comum usar utensílios variados — como garrafas de vinho vazias —

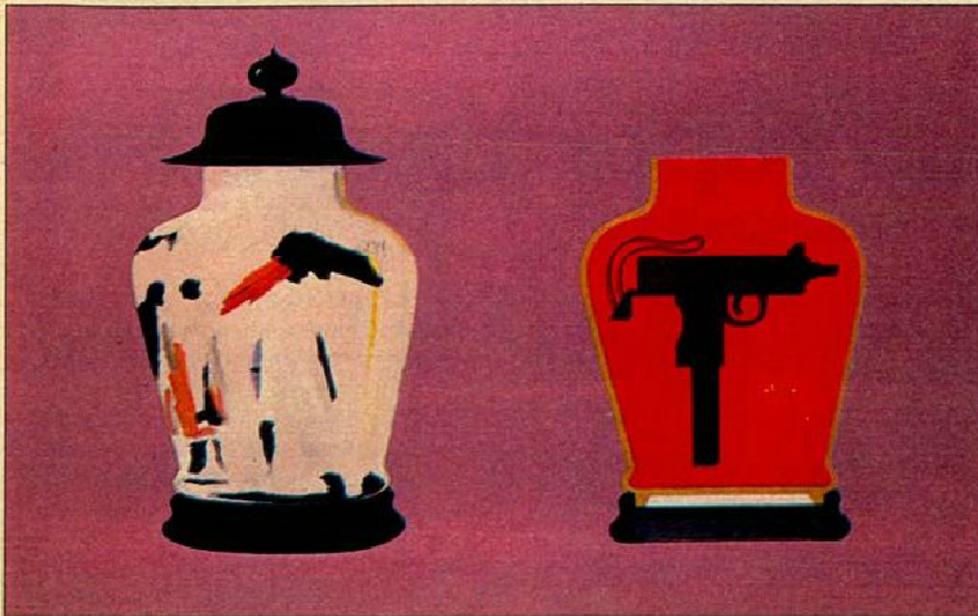
para se construírem abajures, mas usar um rolo de papel higiênico e um filtro de papel para café, só mesmo na imaginação de Guto.

De outra feita, inspirado pela célebre estátua *O Pensador*, de Rodin, e preocupado com uma possível câimbra que possa acometer quem lhe imite a pose, Guto inventou outro de seus objetos: o *Descansador de Queixo*. Ele consiste numa pilha de livros, sobre a qual se pode apoiar o queixo, deixando os braços livres e

Abajur Branco: os utensílios domésticos ganham novas funções



DUDA OLIVEIRA

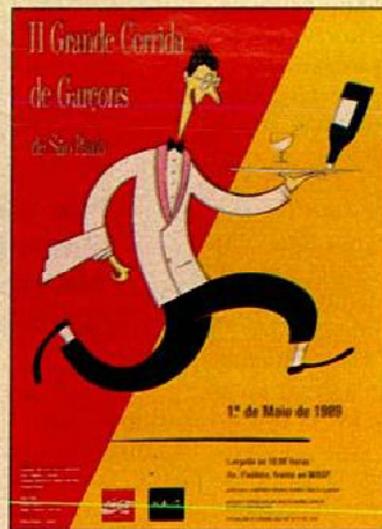


Muamba: segundo o artista, uma cena de contrabando de armas num vaso chinês

A arte entrou na vida de Guto Lacaz quase por acaso. Filho do médico Carlos Lacaz, professor de Microbiologia da Universidade de São Paulo, Guto desde pequeno costumava fazer de seu quarto um bunker de minicientista louco, reunindo todo tipo de quinquilharias, como molas, rodinhas de rolimã, cliques, arruelas, tachinhas, fusíveis queimados e o que mais encontrasse, para transformar em objetos insólitos. Brinquedo que chegasse à sua mão no Natal não emplacava o Ano-Novo: era imediatamente desmontado para que Guto descobrisse como funcionava. Depois de demonstrar que não era lá o que se pode chamar de aluno padrão — repetiu o 3º ano primário —, Guto cursou o Colégio Vocacional de São Paulo. “Era uma espécie de reduto de

alunos repetentes que não tinham salvação e se recusavam a seguir os métodos de ensino convencionais”, informa o artista. “Quase todos tinham uma oficina no fundo do quintal e éramos discriminados — enquanto os garotos da nossa idade liam Proust, nós nos deliciávamos serrando tábuas.”

Já formado em Arquitetura, por diversão Guto decidiu enviar algumas peças fabricadas por ele para a 1ª Mostra

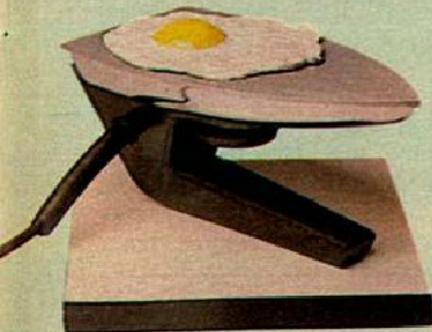


Pôster: alternativa à galeria

do Móvel e do Objeto Inusitado, organizada no Paço das Artes de São Paulo em 1978. Foi premiado com o *Crushfixo*. “Fiquei surpreso, pois nem sabia que estava fazendo arte”, ele relembra. Guto foi em frente, e o reconhecimento viria no início dos anos 80, quando passou a fazer exposições mostrando objetos como o óleo que procura a salada e instalações como a dos aspiradores de pó. Até hoje Guto age como o garoto travesso que desmontava brinquedos e armava engenhocas por curiosidade e espírito de aventura. Longe dele a imagem do artista excêntrico, que teoriza sobre a própria obra. Calmo, tímido, pouco falante e vestido com discrição, sempre acompanhado de um guarda-chuva mesmo com o sol a pino, ele em nada reflete o humor e a eloquência de sua obra. A não ser quando seus olhos brilham, ele se confina em seu ateliê — uma versão tamanho família do

quarto de brinquedos da infância — e começa a imaginar uma nova travessura visual. Numa das mais recentes, foi escolhido pela prefeitura de São Paulo para fazer uma instalação dentro do lago do Parque do Ibirapuera. Imaginou um *Auditório para Questões Delicadas*, que se resumia em ordenar 25 cadeiras, lado a lado, dentro do lago. Os frequentadores dominicais do parque consideraram a obra um sucesso. ■

relaxados para uma melhor meditação. Se o *Descansador de Queixo* parece o máximo em matéria de idéia extravagante, aprecie-se o *Acelerador de Partículas de Vassouras*,



criado especialmente para reativar vassouras com baixo rendimento na limpeza doméstica. A peça consiste num cabo de vassoura preso ao eixo de um pequeno motor que gira em alta velocidade. Segundo as explicações “técnicas” de Guto, o movimento faz com que as partículas contidas no motor eletrizem as cerdas da vassoura, tornando-as novinhas em folha.

Nem todos os objetos de Guto vêm ao mundo acompanha-

High Tegg: o impacto da combinação inesperada de imagens

dos dessas explicações “científicas”. Constam também de sua obra objetos construídos apenas para serem bonitos, para serem apreciados pela proposta estética e não pelo jogo lúdico que o artista gosta de estabelecer com o espectador. É o caso de *Alex Alex*, feito em 1987 em homenagem ao artista Alex Vallauri, que se consagrou com os grafites que distribuía pelas ruas de São Paulo e que morreu naque-



Alex Alex: para o grafiteiro Vallauri

le ano. O objeto é formado por duas latas de spray, presas entre si através de outras duas latas que representam o jato de tinta solidificado. Elaborado em cores fortes, o objeto é um dos melhores já criados pelo artista.